

A CARTA ATENAGÓRICA: SÓROR JOANA INÊS DE LA CRUZ E OS CAMINHOS DE UMA REFLEXÃO TEOLÓGICA

POR RAFAEL RUIZ E JANICE THEODORO

A Carta Atenagórica.

A Carta Atenagórica foi escrita, em novembro de 1690, por Sórora Joana Inês de la Cruz (1651-1695), poetisa mexicana, como um exercício de reflexão elaborado a partir da leitura de um sermão do Padre Antônio Vieira (1608-1697). Neste sermão Vieira, a partir do novo mandamento, analisava as finezas do amor de Cristo. A “Carta Atenagórica” foi enviada para o bispo de Puebla, Manuel Fernández de Santa Cruz e por ele publicada sem que se possa saber os motivos que levaram à publicação. A resposta a essa carta provavelmente foi escrita pelo próprio bispo que usou um pseudônimo feminino, Sórora Filotea de la Cruz, discordando dos argumentos de Sórora Joana. Sua resposta está datada de 1 de março de 1691 e traz reflexões sobre a liberdade e sobre os limites da auto determinação do ser humano com algumas nuances muito peculiares¹ com relação à polêmica da época.

Tanto o sermão do **Mandato**, de Vieira, como as reflexões de Sórora Joana Inês de la Cruz e de seu interlocutor foram analisados por inúmeros historiadores e literatos. Em geral o objetivo central das análises é a

¹ Diz Sórora Joana: “Luego cuando Dios no le hace beneficios al hombre, porque los ha de convertir el hombre en su daño, reprime Dios los raudales de su inmensa liberalidad, detiene el mar de su infinito amor y estanca el curso de su absoluto poder. Luego, según nuestro modo de concebir, más le cuesta a Dios el no hacemos beneficios que no el hacémoslos y, por consiguiente, mayor fineza es el suspenderlos que el ejecutarlos, pues deja Dios de ser liberal- que es propia condición suya-, porque nosotros no seamos ingratos-que es propio retorno nuestro-; y quiere más parecer escaso, porque los hombres no sean peores, que ostentar su largueza con daño de los mismos beneficiados. Y siendo así que ésta es una como nota en la opinión de liberal, antepone el aprovechamiento de los hombres a su propia opinión y a su propio natural”. (p.825)

avaliação da natureza dos argumentos utilizados a partir de uma **polêmica teológica**.

A bibliografia.

A bibliografia sobre Sórora Joana Inês de la Cruz é muito ampla. Literatos, historiadores, antropólogos e psicanalistas analisaram, por diversos ângulos, tanto a obra poética como os textos de caráter teológico e pessoal.

Dentre os trabalhos publicados vale a pena ressaltar o livro de Octavio Paz, datado de 1982. Trata-se de um livro que reúne informações de diversas naturezas sobre a história pessoal da religiosa, sobre sua biblioteca, o seu tempo e os diversos personagens da história colonial mexicana que contracenaram, de forma direta ou indireta, com Sórora Joana. O livro de Octávio Paz não é apenas uma biografia, mas uma análise profunda da sociedade mexicana do século XVII. Trata-se de uma leitura indispensável para quem pretende compreender o universo do qual Sórora Joana era fruto. Amado Nervo, Alfonso Reyes e Lezana Lima entre outras centenas de especialistas refletiram sobre a poesia de Sórora Joana, sobre a personagem, sobre o barroco ou ainda sobre a sociedade colonial mexicana.

Não pretendemos discutir aqui as proposições desses autores, mas, apenas refletir, por um lado, sobre o sentido e os significados contidos em determinadas formas narrativas e, por outro, elaborar hipóteses tendo como meta a busca de uma compreensão da gênese das diferentes interpretações sobre a maior fineza do amor de Cristo.

O Texto (análise interna).

A análise do Sermão do Mandato², do Padre Antonio Vieira, e a carta Atenagórica de Sórora Joana nos permite destacar dois pontos fundamentais de análise: a finalidade e o público.

A finalidade do “Sermão” exige uma retórica “pastoral”, emulativa que procura despertar sentimentos piedosos e, por isso, permite que o orador use de licenças interpretativas que são possíveis tendo em vista o fim que se pretende. No caso do Sermão o fim é fomentar a devoção e estimular o bom exemplo da vida cristã nos ouvintes.

Já, a “Carta”, diferentemente do “Sermão” foi escrita com a finalidade teológico-ortodoxa, ou seja, para discutir, argumentar e provar que aquilo que fora enunciado por Vieira não correspondia, com exatidão, à doutrina tradicional da Igreja Católica.

Vamos retomar a polémica para que possamos avaliar o lugar onde esta inserida a reflexão de Vieira e o significado do recorte e da reflexão de Sórora Joana de la Cruz.

Primeiro momento

O que nos chama atenção nos escritos de Sórora Joana ao discutir o Sermão do Mandato Novo?

Todos os autores que estudam o tema são unânimes em afirmar que a força argumentativa da retórica da freira mexicana é enorme. Partindo dessa premissa observamos, da mesma forma que outros autores já fizeram, qual é o “calcanhar de Aquiles” de Vieira. Sórora Joana a partir de um conhecimento específico sobre retórica constrói um ataque à estrutura da argumentação de Vieira. Vieira utiliza-se de licenças interpretativas e generalizações abstratas, “forçando” a compreensão dos textos do Evangelho para fazê-los coincidir com o que lhe interessava. Nesse sentido,

² O Sermão do Mandato foi pregado em Lisboa, na Capela Real no ano de 1650, pelo Padre Antonio Vieira.

a conclusão de Vieira esta pronta de antemão. Assim sendo sua estrutura argumentativa é uma fantástica construção que conduz o ouvinte a um lugar determinado, definido *a priori*.

Por que a conclusão de Vieira esta pronta de antemão?

Trata-se de um sermão que tem uma finalidade. Essa finalidade é que os ouvintes tirem uma lição da consideração do “mandatum novum” de Cristo, e essa lição é que devemos amar uns aos outros. Mas, não se trata de amar de qualquer maneira. Trata-se de amar como Cristo amou. Isso é que é verdadeiramente “novo”, de acordo com o sermão de Vieira, no mandamento de Cristo.

Para mostrar essa “novidade” Vieira recorrerá ao **artifício retórico** de mostrar que tudo que se falou sobre o amor de Cristo pelos homens não foi visto sob o “novo” aspecto que ele quer destacar. Para Vieira o maior amor de Cristo, a maior fineza de Cristo foi o que fez no final de sua vida. E, nessa altura o jesuíta contrapõe o seu “novo” ponto de vista aos “tradicionais” pontos de vista de três Padres da Igreja.

Enquanto que Santo Agostinho afirma que o maior amor de Cristo está na sua morte, Vieira diz que esta na ausência. Enquanto Santo Tomás diz que o maior amor de Cristo está no fato de Cristo estar presente na Eucaristia, Vieira afirma que a maior fineza de Cristo está no fato de não poder fazer uso dos sentidos nesse sacramento. E, enquanto São João Crisóstomo explica que o maior amor de Cristo consiste em lavar os pés dos seus discípulos inclusive de Judas, que será o discípulo traidor, Vieira afirma que Cristo nos amou como **meio** para que nós nos amemos, como **fim**.

Com essas três conclusões o jesuíta conseguirá não apenas mostrar ao público a sua “nova interpretação” como estimulará os ouvintes a viverem de acordo com a sua “nova interpretação”. Mas para além dessa mensagem, que uma leitura superficial nos permite apreender, existe uma

outra em torno da qual esta concentrada a polêmica entre Vieira e Sórora Joana. Trata-se do uso que Vieira faz da retórica para separar morte e ausência³, ser e estar⁴, causa e efeito⁵, meios e fins⁶, essência e correspondência⁷, criando, através dessas oposições conceituais, um lugar onde a separação entre moral e política possa fazer sentido.

Todo esse jogo de palavras tão bem manipulado por Sórora Joana e Vieira poderia apenas fazer parte de um exercício retórico em torno de duas proposições dissonantes, dentro de uma polêmica já colocada. Mas, a partir do momento em que a Carta Atenagórica foi escrita, a questão tornou-se problemática, porque se instaurou um **debate argumentativo** entre o reverendíssimo P. Antônio Vieira e a religiosa professa no monastério de N.P. San Jerónimo de México.

O que preocupava Sórora Joana – e o que constitui o ponto nevrálgico da sua crítica a Vieira- não era nem a premissa de onde o jesuíta partia, nem mesmo a sua conclusão, mas, sim, o caminho argumentativo por ele percorrido. Sórora Joana percebeu que os argumentos utilizados por Vieira

³ Diz Vieira no Sermão do mandato: “Cristo Senhor nosso amou mais aos homens, que a sua vida; prova-se, porque deu a sua vida por amor dos homens: o **morrer** era deixar a vida, o **ausentar**-se era deixar os homens: logo muito mais fez em se **ausentar**, que em **morrer**; porque morrendo, deixava a vida, que amava menos; ausentando-se, deixava os homens, que amava mais” (p. 362).

⁴ Diz Vieira no Sermão do Mandato: “De maneira que pela morte deixou de ser Christo, pela ausência deixou de estar com os homens: e sentiu mais o amoroso Senhor deixar de **estar** com quem amava que deixar de **ser** quem era. A morte privou-o de **ser**, a ausência privou-o de **estar**: e mais sentiu Cristo o deixar de **estar**, que o deixar de **ser**: mais sentiu a perda da companhia, que a destruição da **essência**” (p. 365)

⁵ Diz Vieira no Sermão do Mandato: “Acabemos com o mais fino de todas as finezas d’este ato, compreendendo desde o princípio até o fim d’elle todos os discípulos e todo o lavatório. (...) O amor fino é aquele que não busca **causa**, nem fructo: ama porque ama e ama por amar. Nos outros discípulos teve o amor de Cristo **causa** tão grande **causa**, como amar os que o amavam e haviam de amar até a morte. Em Judas não só não teve **causa** para o amar, mas muitas para o aborrecer e abominar, quaes eram a sua ingratição, o seu ódio, a sua traição e desatinada cobiça, e a vontade por tantos modos obstinada de um coração entregue ao demônio. (...) E como o Senhor sabia o mau grado que havia de colher d’este seu cuidado e diligência; que quando a devera mandar cortar e lançar no fogo, a regasse tão amorosamente como as demais, e perdesse o trabalho de suas mãos, e também o regadio mais alto das suas lágrimas, esta foi a fineza sobre fineza do lavatório dos pés” (p. 386)(grifos nossos).

⁶ Vieira no Sermão do Mandato diz: “E fallando propriamente, o Mandato compõe-se de dois amores, o amor de Christo para conosco, e o amor dos homens entre si: o amor com que Christo nos amou entra no Mandato como meio, e o amor com que nós nos devemos amar, como fim. Isso quer dizer em sentido de Ruperto, aquelle *in finem dilexit eos*: que nos amou a fim: e a que fim? A fim de nós nos amarmos. Os homens amam a fim de que nós nos amemos: *Et vos debetis alter alterius lavare pedes*” (p. 391).

⁷ Diz Vieira: “(...) por que diz S. Paulo que havemos de dever sempre o amor de uns a outros? Porque o amor em que se funda esta dívida, não é amor dos homens, senão amor de Christo” (p. 392).

eram artifícios retóricos construídos previamente, ou seja, eram uma espécie de “montagem” de uma peça que conduziria o público, em geral despreocupado com os argumentos citados, a concordarem com a sua conclusão. E, mais, percebeu que o percurso argumentativo percorrido por Vieira era um caminho que separava o “ser” do “estar”, a “essência” dos “acidentes”, os “meios” dos “fins”.

Para confirmar a nossa hipótese vamos observar como, de acordo com a crítica de Sórora Joana, Vieira força a interpretação dos textos, realizando contínuas distinções e separações de conceitos que, no entender da Sórora, não eram necessários.

Para provar que é mais fino amor a “ausência” de Cristo do que a sua “morte”, Vieira recorre ao texto da agonia no Horto, dizendo que Cristo, “factus in agonia” se afastou dos discípulos⁸, ou então, recorre ao texto em que Ele diz que “vos (aos discípulos) convém que eu vá”⁹, ou, ainda, procura ver no texto do choro da Madalena no sepulcro, que o motivo dessas lágrimas era a ausência de Cristo e não a sua morte¹⁰.

A crítica de Sórora Joana estabelece-se sobre duas bases: por um lado, prova que o caminho argumentativo de Vieira não conduz necessariamente às suas conclusões (ou seja, Vieira tira suas conclusões não como consequência lógica dos seus argumentos, mas simplesmente do fato de tê-las tirado previamente) e, por outro lado, Sórora Joana mostra simultaneamente que o erro de Vieira não está propriamente nas suas premissas ou conclusões, mas no caminho argumentativo por ele seguido,

⁸ Diz Vieira: “Para ponderarmos bem o fino d’esta fineza, que ainda não está ponderado, havemos de entender e penetrar bem o que era em christo o ausentar-se, e o que era o morrer. O morrer era apartar-se a alma do corpo; o ausentar-se, era apartar-se elle dos homens: e mais soffrível se lhe fez a christo a morte, que era apartamento de si para consigo, que a aausência, que era aapartamento de si para comnosco” (p. 365).

⁹ Diz Vieira: “E como a Christo lhe custava mais a ausência que a morte, reduzido hoje a termos em que nos importava a nós o partir-se: *Expedit vobis ut ego vadam*. Não há dúvida que muito mais fez em se ausentar por nós, que em morrer por nós (p. 367).

¹⁰ Diz Vieira: “Tão morto estava Christo roubado como defunto; mas defunto estava menos ausente do que roubado, porque a morte foi meia ausência, levou-lhe a alma, e deixou-lhe o corpo; o roubo era ausência total; levou-lhe o corpo depois de estar levada a alma” (p. 363).

ou seja, a freira não aceita as separações e distinções lógicas que o jesuíta realiza na sua argumentação.

Sóror Joana analisa cada um dos argumentos que Vieira apresenta como prova racional de que o maior amor é a ausência e não a morte de Cristo e conclui com um outro raciocínio demonstrativo perfeito: Sim, diz ela, Cristo afirma que “vos convém que eu vá”, mas dessa afirmação não se conclui necessariamente sua ausência: “*É verdade que vai embora, mas é falso que se ausenta. Não percamos tempo. Já sabemos a infinidade de presenças*”. Sóror Joana esta se referindo neste momento a uma questão teológica já assentada. O texto faz referência ao fato de que Cristo avisa aos apóstolos de que lhes convém que ele volte para o Céu, para que o Pai possa enviar o Espírito Santo. Esse é o lugar do raciocínio de Vieira. Daí ele conduz seus ouvintes a perceberem que a “nova” conclusão não seria que o Pai possa enviar o Espírito Santo, mas, sim, que a “nova” conclusão seria que o amor de Cristo se manifesta na sua ausência *porque se foi*.

Mas Sóror Joana, como ela mesmo afirma, aponta para o “calcanhar” teológico do raciocínio: enviando o Espírito Santo é o próprio Cristo que volta, mas de uma outra forma (trata-se aqui de uma questão teológica sobre a Trindade). Portanto, nem do argumento de Vieira se conclui necessariamente a ausência do Cristo. Pode-se concluir também a sua presença. Nem as suas distinções lógicas são reais, porque é precisamente o próprio Cristo que volta, não cabendo falar de ausência.

A freira mexicana mantém o mesmo estilo de crítica com relação às outras críticas de Vieira a S. Tomás: “*El Santo dice: Sacramentarse fue la mayor fineza de Cristo. Replica el autor: No fue, sino quedar sin uso dos sentidos en ese Sacramento. ? ¿Qué forma de argüir es ésta? El Santo propone en género; el autor responde en especie. Luego no vale el argumento. Si el Santo hablara de una de las especies infinitas de finezas que se encierran en aquel erario riquísimo del Divino Amor debajo de los*

*accidentes de pan, fuera buena la posición; Pero si las comprende todas en la palabra Sacramentarse? ¿Cómo le responde oponiéndole una de las mismas finezas que el Santo comprende?”*¹¹:

Ou seja, a Sórora Joana percebe que Vieira, para forçar a argumentação, tem de fazer um lapso, dando como prova um fato que já está contido implicitamente na afirmação de S. Tomas. De novo, Sórora Joana aponta o “calcanhar” teológico de Vieira porque, de fato, sacramentar-se (gênero) implica necessariamente “*ficar sem uso dos sentidos*” (espécie). A distinção que Vieira estabelece é de novo desnecessária.

Finalmente, o mesmo se passa com a cena do lavatório dos pés. É nesta altura que Sórora Joana se refere “*ao Aquiles do seu [de Vieira] sermão*”, “*ao mais árduo*”. Vieira diz que a fineza consiste em amar inclusive Judas, porque dessa forma Cristo está querendo mostrar que “*ama sem correspondência*”¹² e é isso que Ele quer de nós. Sórora Joana irá provar que Vieira está de novo “forçando” uma determinada interpretação, eludindo uma suposição necessária e criando uma distinção inexistente. Sua explicação não parte de distinções, mas, pelo contrário, explicita a harmonia e unidade: “*De manera que para amarnos unos a otros ha de ser Su Majestad el medio y la unión. Y nadie ignora que el medio que une dos términos se une él más estrecha e inmediatamente con ellos, que a ellos entre sí*” (p. 820). E, insistindo na mesma idéia, explica que o texto evangélico e a própria epígrafe com que é conhecida essa passagem – *mandatum novum* – diz respeito a uma ordem. Ora, conclui a Sórora,

¹¹ p.816.

¹² Diz Vieira: “Quanto é o amor de Pedro, tanto, e maior ainda é o ódio de Judas a Cristo: mas d’ai que se segue na igualdade dos mesmos favores? Segue-se que Cristo paga a Pedro amor com amor, que é o que se chama correspondência; porém a Judas paga-lhe ódio com amor, em que propriamente consiste a fineza. Pergunto (e a vós com maior razão, como ao maior teólogo do Apostolado) : Cristo morreu por todos? Sim : *Pro omnibus mortuus est Christus* ; e morreu também por Judas? Também.” (pp.383-4).

obedecer a essa ordem é precisamente a correspondência que Cristo quer ao seu amor por nós.

O que podemos deduzir dessa polêmica? O que Vieira está querendo dizer? E o que Sórora Joana está querendo demonstrar?

Os dois possuem, igualmente, como pudemos demonstrar nos textos acima controle da arte retórica. Mas, convém notar, os dois partem das mesmas premissas – os próprios textos evangélicos- para desenvolver caminhos argumentativos diferentes. Vieira preocupa-se com mostrar contínuas distinções e separações lógicas e conceituais, enquanto que Sórora Joana desenvolve sua argumentação mostrando que as distinções de Vieira não se dão no plano da realidade, que onde Vieira vê uma separação, há, contudo, uma profunda unidade do real.

Nenhum dos dois estão preocupados em estabelecer uma polêmica entre si (aliás, Vieira não participa diretamente da polêmica), pois o debate já estava instituído e é este fato que estimula a reflexão de Vieira, de Sórora Joana e do bispo de Puebla.

Caracterizar o lugar desse debate é muito importante porque Sórora Joana ao se preocupar com a ortodoxia da fé critica a separação entre **meios** e **fins**, lugar de onde parte o ímpio Maquiavel, autor que ela conhece, como comprova seu texto ao responder a Sórora Filotéia e em cujo espaço de reflexão vai frutificar o pensamento político moderno.

Segundo Momento.

Embora muitos autores afirmem que a discussão entre Vieira e Sórora Joana deva ser analisada, basicamente, em função de um debate teológico cujos fundamentos estão, em grande parte, ancorados em interpretações possíveis do texto bíblico pareceu-nos interessante compreender o

significado histórico da polêmica, inserindo-a no contexto americano e no debate político da época.

Neste sentido, a análise interna dos textos e a circunstância histórica, da qual faz parte Sórora Joana Inês e o padre Antônio Vieira, nos permitem levantar hipóteses que ultrapassam as evidências contidas nos documentos analisados. Esses textos possuem vínculos com outras narrativas da época que estão inseridos no que poderíamos chamar de contexto de época.

Como já dissemos na primeira parte do artigo, os argumentos levantados por Sórora Joana, para questionar o sermão de Vieira, são claros e, do nosso ponto de vista, procedentes. Compreendemos e concordamos com os especialistas¹³ que afirmam tratar a polêmica de uma questão basicamente européia que diz respeito a questões ligadas a ortodoxia da fé. Contudo acreditamos que os autores, como de hábito na época, utilizavam metáforas sustentadas por uma determinada espiritualidade que partiam das sagradas escrituras e com elas criavam analogias. Estas analogias se encaixavam (da mesma forma que as fábulas) com todas as mazelas do mundo fornecendo uma fórmula para que cada pessoa, à sua maneira, pudesse, por exemplo, descobrir como se poderia fazer ou não fazer um bom governo. Retomado a acertada expressão de Pécora diríamos que a polêmica nos leva a um “mapa retórico” que se transforma em um “instrumento decisivo da ação missionária”¹⁴, quando utilizado corretamente (em função do texto bíblico). Em sentido inverso o uso equivocado do “mapa” poderia gerar sérios desvios na ação missionária.

*

*

*

¹³ Aqui convém lembrar o excelente artigo de Robert Ricard, **Antonio Vieira y Sor Juana Inês de la Cruz** (Revista de Índias 11, núms 43-44 Enero-Junio:61-87) onde ele analisa em detalhe a polêmica dentro dessa perspectiva.

¹⁴ Pécora, Alcir. **Máquina de Gêneros**. São Paulo, Ed. da Universidade de S. Paulo, 2001.p 18.

Dentro dessa perspectiva se coloca para nós, uma questão de importância fundamental, ao mesmo tempo intrínseca e extrínseca ao texto:

- Por que Vieira utiliza as liberdades de interpretação possíveis em um sermão, liberdades geradas pela própria circunstância, para separar com muita habilidade, categorias tais como gênero e espécie, falta e ausência, semeador e semente entre tantas outras?

- Por que Sórora Joana revida, com tanta ênfase, as proposições de Vieira sabendo tratar-se de um sermão¹⁵?

Por que essa polêmica continua despertando interesse até os dias de hoje? Qual a razão da atualidade do debate depois de mais de três séculos?

* *

*

As cartas¹⁶ de Sórora Joana possuem uma grande força emotiva possível de ser captada pelo leitor em função, principalmente, de duas razões: Primeiro, do ponto de vista formal, Sórora Joana, possuía um excepcional domínio da linguagem, (como comprovam suas poesias) capaz de transportar para o papel toda a dramaticidade contida na discussão¹⁷. Segundo, o seu viés **essencialista**¹⁸, bem fundamentado na teoria da época, conjugado com uma grande habilidade retórica, lhe permitia penetrar nas

¹⁵ Do latim sermo, discurso informal.

¹⁶ Alcir Pécora em seu livro **Máquina de Gêneros** (S. Paulo, EDUSP, 2001) ao estudar a hermenêutica das cartas jesuíticas refere-se com muita propriedade à sua condição de mapa retórico. Diz ele: "As cartas, no verossímil que proponho, devem ser vistas, antes de mais nada, como um mapa retórico em progresso da própria conversão. Isto significa afirma que são produzidas como um instrumento decisivo para o êxito da ação missionária jesuítica, de tal modo que as determinações convencionais de tradição epistolográfica, revistas pela Companhia e aplicadas aos diversos casos vividos, mesmo os mais inesperados, sedimentam sentidos adequados aos roteiros plausíveis desse mapa." p.18

¹⁷ Alcir Pécora em seu livro **Máquina de Gêneros** (S. Paulo, EDUSP, 2001) diz ele: "Os *dictadores* medievais italianos têm os humanistas como sucessores na discussão da arte epistolar. A questão básica sobre a qual incide a passagem da preocupação tradicional para aquela que se poderia generalizar, possivelmente mal, como *renascentista*, refere o reforço da oposição entre carta *formal (contentio)* pensada pelo *dictador* medieval e a carta familiar (*sermo*) praticada pela tradição clássica antiga. Esta enquanto objeto manifesto de uma *arte de escrever*, tinha sido tratada apenas por Demétrio, no *De elocutione*. Aí, o gênero da carta é proposto como próximo ao do *diálogo*, devendo ser breve, mas deixando entrever o caráter daquele que a escreve; em resumo, trata-se de uma exposição de matéria simples em termos simples". p.23

¹⁸ Usamos aqui o termo "essencialista" –como também "existencialista"– à falta de outros termos melhores. Queremos significar com "essencialista" o fato de que para Sórora Joana a existência já era um predicado da essência e que, portanto, ambas se dariam simultaneamente, sem separação possível.

complicadas questões teóricas vinculando-as a experiências simples e cotidianas como, por exemplo, as intrigas típicas de uma vida conventual. A forma como Sórora Joana escreve saudando seu interlocutor, narrando os fatos, colocando suas proposições e concluindo faz parte da arte epistolar e, ao mesmo tempo, representa uma forma sofisticada de negociação política das suas premissas. Portanto, a polêmica repercutirá na prática política da época. Em suma é a relação entre a estrutura retórica e o pensamento político que queremos resgatar.

Definido o nosso objeto é interessante observar que Octávio Paz realiza um outro percurso pois considera tal discussão “*vã sutileza e talento vazio, pois não estavam aplicados a nenhum objeto real*”. Apesar desta afirmação Octavio Paz refere-se à polêmica e aos grandes debates da época centrados na questão da graça e do livre-arbítrio. A diferença é que Octávio Paz analisa em separado a sociedade, a carta atenagórica e as personagens citando os grandes debates que se realizavam no interior da igreja.

As conclusões que chegamos são semelhantes embora os percursos sejam diferentes. Paz ao analisar a sociedade novohispânica refere-se ao fato de que “*o pacto social foi, na origem, um pacto religioso*”¹⁹. O texto de Sórora Joana nos leva à mesma conclusão quando nos mostra a impossibilidade de se compreender o político sem que se compreenda o religioso. Ou, ainda, quando Paz refere-se ao fato de que “*os dois polos da justiça novo-hispânica não eram, como na sociedade moderna, a legalidade ou a ilegalidade da sentença, mas sua severidade ou benevolência. O princípio determinante era a gracia (graça)*”.

A nossa compreensão caminha no mesmo sentido. A **diferença** é que para nós a demonstração dessa hipótese é parte da própria retórica e a retórica de Sórora Joana expressa o lugar aonde podia se constituir o pensamento político americano. Sórora Joana retoma uma ação contida no

texto bíblico para introduzir, em um outro lugar, uma ação similar e profundamente crítica às vicissitudes do comportamento humano. Esse é o caminho que institui a percepção política possível na sociedade novohispânica.

Afinal qual a importância da carta Atenagórica? A importância está vinculada ao interlocutor? Ao tema? À defesa da mulher? À habilidade retórica de Sórora Joana? Ou à simples condição humana?

A “**força**” **argumentativa** de Sórora Joana pode ser percebida através do próprio fato dessa discussão ter ultrapassado os muros do convento e ter sobrevivido, até os dias de hoje, gerando uma série de indagações. Os temas que o debate sugere hoje vão desde questões ligadas à ortodoxia da fé até supostas²⁰ manifestações “feministas” de Sórora Joana ao defender-se da proibição imposta por uma prelada ao seu contato constante com os livros. Em nenhum dos casos citados acima se discute as conseqüências políticas de se partir de uma ou de outra premissa.

A posição de Sórora Joana é inusitada porque ela ao discordar de Vieira através de uma carta que não deveria ter sido publicada penetrou num debate político onde, nos surpreende (não a relação feminina/masculina) a sua habilidade em compreender o exercício político do poder. Embora tenha se apoiado nas relações com o poder ela o fez através de mecanismos sutis (relações interpessoais/espço de resistência) que lhe permitiam encontrar a raiz do problema em questão. Para penetrar no espaço do poder era necessário ter acesso à complacência de

¹⁹ Paz, Octávio. **Sórora Joana Inês de la Cruz. As armadilhas da fé.** S. Paulo, Mandarim, 1998. p.32

²⁰ Nós preferimos evitar a idéia de feminismo pois nos pareceu um anacronismo. Sórora Joana segue o pensamento de Aristóteles quando observa que quando estudamos uma classe específica de coisas primeiro devemos tentar descobrir as qualidades que todos os membros dessa classe têm em comum para depois sabermos quais são as especificidades. Sórora Joana trabalha com a categoria gênero humano pois todos os homens são igualmente criaturas e possuem alma. Neste sentido tanto os homens como as mulheres possuem consciência.

importantes personagens políticos (condessa de Paredes, por exemplo). Este terreno era (e ainda é) muito instável. Foi uma alteração deste equilíbrio de poder que resultou na publicação da carta Atenagórica que havia sido escrita por ela sem o intuito de publicação²¹.

*

*

*

Todas essas informações estudadas por diversos especialistas do período nos levam a crer que Sórora Joana ao escrever a carta Atenagórica estava, de forma indireta, participando de uma polêmica da qual faziam parte influentes jesuítas. Não vamos entrar aqui no universo bastante complexo de Athanasius Kircher, por exemplo, cujos textos influenciaram Sórora Joana e que se vinculavam a uma proposição diversa daquela que Vieira veiculava.

O que nos interessa neste artigo é compreender a polêmica e, principalmente, a possível afinidade do pensamento Sórora Joana com o cristianismo na América e o espaço político de sua incorporação.

Esta leitura, de uma parte implícita da polêmica, nos possibilitará levantar uma hipótese sobre a cristianização da América, sua vocação

²¹ Octavio Paz em seu livro, *Sórora Joana de la Cruz. As armadilhas da fé* (São Paulo, Ed. Mandarim, 1998, pp 551-555) explica, em detalhe, as razões que levaram o bispo Manuel Fernandez publicar a carta: “segredo de polichinelo – Sórora Filotea de la Cruz e o destinatário da *Carta* eram uma única pessoa, o bispo de Puebla, Manuel Fernández de Santa Cruz. Ele também foi o autor de *Aprobación* do escrito. Só o destinatário podia divulgar a Carta e só um destinatário que tivesse o alto posto de bispo podia atrever-se a publicá-la. A razão de se esconder sob um pseudônimo feminino aparecerá logo”. Octavio Paz continua explicando “Vieira era admirado na Espanha e no México. Essa glória foi, em parte, reflexo do predomínio da Companhia de Jesus. No México os jesuítas não só dominavam a educação superior como, por meio do arcebispo Francisco Aguiar y Seijas, exerciam uma influência muito grande na Igreja e no Estado. A nomeação de Aguiar y Seijas fora, em grande medida, obra da Companhia de Jesus. Pois bem, entre os amigos e admiradores de Vieira encontrava-se na primeira fila, Aguiar y Seijas. Sua amizade era tão grande que em 1675 e 1678 foram publicados em Madri dois volumes de traduções dos sermões de Vieira, ambos dedicados a Aguiar y Seijas, então bispo de Michoacán. (...) Não parece difícil deduzir de tudo isso que a personalidade que podia sentir-se afetada pela crítica de Sórora Juana não era Vieira, ausente e alheio a tudo, mas o arcebispo Francisco de Aguiar y Seijas. Atacar Vieira era atacar indiretamente Aguiar. Também significava enfrentar influentes jesuítas amigos do arcebispo.”

humanística e essencialista e os dilemas políticos contidos nas diversas proposições defendidas pela Companhia de Jesus.

A hipótese.

Para responder à questão colocada acima temos que levar em conta não apenas a forma de narrar, mas especialmente, a percepção política da realidade na qual estão inseridos o Padre Antonio Vieira e Sórora Joana.

Qual é, afinal, a proposição?

Ambos criam um espaço de reflexão onde se percebe, por ângulos diferentes, a separação entre “ser” e “estar” e, por conseqüência, uma separação possível entre meios e fins. Esta separação nos coloca diante de um problema que diz respeito à forma de exercício do poder. Poderíamos enunciar a questão da seguinte forma:

A vida política, na América e na Europa, da qual fazia parte tanto Vieira como Sórora Joana, era caracterizada por uma polêmica onde uns defendiam a separação entre “essência” e “aparência”, como Maquiavel, e outros, como Sórora Joana, questionavam essa premissa optando por uma postura essencialista²², ou seja, enquanto para sórora Joana não havia sentido em separar o “ser” do “aparecer”, para Vieira essa separação era prioritária. Qual seria a conseqüência prática dessa diferença?

Evidentemente esta colocação já é bastante conhecida do leitor, mas vale a pena refazer o caminho. Embora esta polêmica tenha encontrado, igualmente, ressonância na Europa e na América, nos arriscamos a dizer que, por uma série de fatores específicos, na América foi mais fácil **catequisar do que politizar**. Foi mais fácil catequizar porque era possível

²² Queremos insistir na idéia de que afirmando que Sórora Joana tem uma postura essencialista não estamos querendo dizer que fosse “conceptualista” ou que se alinhasse nas fileiras do que na Europa viria a ser o racionalismo iluminista. Estamos querendo dizer apenas que a visão de Sórora Joana era uma visão integradora e não analítica.

explicar para a população indígena a unidade de um sujeito (homem) ainda que este desempenhasse papéis específicos e complementares no interior de uma comunidade.

Para Sórora Joana, como para toda a filosofia clássica, o agir correto ou incorreto era uma consequência necessária do ser bom ou mau, enquanto que para Vieira e para a tradição moderna inaugurada por Maquiavel, essa necessidade não era ineludível, ou seja, não era propriamente uma necessidade e, sim, uma possibilidade. Podia-se pensar em **ser** de determinada forma e agir – aparecer – de uma outra forma completamente diferente²³.

Dentro dessa ótica é interessante observar a afinidade entre as reflexões do padre Athanasius Kircher e Sórora Joana. Mas era muito difícil **politizar**, ou seja, explicar as diferenças entre o **ser** (o eu) e o **estar** (representação política), diferença que definia o espaço do exercício do poder. Diz Vieira:

De maneira que pela morte deixou de ser Cristo, pela ausência deixou de estar com os homens: e sentiu mais o amoroso Senhor deixar de estar com quem amava, que deixar de ser quem era. A morte privou-o de ser, a ausência privou-o de estar : e mais sentiu Cristo o deixar de estar, que o deixar de ser: mais sentiu a perda da companhia, que a destruição da essência”.

Essência e Acidentes

A discussão entre Sórora Joana e Vieira insere-se numa polêmica tradicional da Filosofia ocidental, que percorre todo o espaço da história

²³ O que dificulta uma percepção das semelhanças entre Vieira e Maquiavel é a forma rebuscada como Vieira trata o tema. Ou seja, Vieira separa aparência de essência, meios de fins (Diz Vieira: “O amor pode-se considerar ou por **dentro** quanto aos afetos, ou por **fora** quanto aos efeitos” –grifos nossos-). Mas, nos sermões nem sempre percebemos essas separações porque, ao argumentar, Vieira separa mas institui a mesma categoria como meio e como fim. Por exemplo, aparentar se justo e ser justo de fato ou morrer e ausentar-se.

conhecida, desde Platão e Santo Anselmo até Heidegger e Sartre, os essencialistas, por um lado, e os existencialistas, por outro. Uma polêmica que encontrou tanto soluções extremadas, separando completamente a essência da existência, como soluções moderadas e conciliadoras. O jesuíta português e a freira mexicana também não escaparam desse intenso debate ontológico.

Vamos às origens da proposição retomando Maquiavel. A separação entre **essência** e **aparência**, **meios** e **fins** pode ser facilmente observada quando lemos o texto de Maquiavel, **O Príncipe**²⁴. Lá está escrito de forma transparente que o Príncipe deve **parecer** generoso embora não precise **ser**, de fato, generoso²⁵. Em geral compreendemos Maquiavel através dessa dissonância entre **aparentar** e **ser**.

A compreensão do fenômeno político fica mais clara quando associamos a proposição de Maquiavel e as formas de argumentação utilizadas por Vieira no sermão do Mandato Novo. A partir dessa leitura fica mais clara a discordância de Sórora Joana em relação às formas de argumentação utilizadas por Vieira no sermão.

Como para Sórora Joana só existe essência (sendo a existência uma decorrência necessária da mesma) a maior fineza de Cristo consistiu em morrer por nós. Discutir separadamente “morte” e “ausência” corresponde a quebrar a unidade do ser, significa não dar importância à essência de Cristo, implica criar um outro lugar onde o mais importante seria a dor de

²⁴ Maquiavel. Nicolau. **O príncipe**. Rio de Janeiro, Betrand do Brasil S.A. , 1988.

²⁵ Diz Maquiavel: “A um príncipe, portanto, não é necessário possuir todas as qualidades acima mencionadas, mas é necessário parecer possuí-las. Antes, ousarei dizer que, possuindo-as e usando-as sempre, elas são danosas, enquanto que, aparentando possuí-las, são úteis; por exemplo: parecer piedoso, fiel, humano, íntegro, religioso e sê-lo realmente, mas estar com o espírito preparado e disposto de modo que, precisando não sê-lo, possas e saibas tornar-se o contrário. Deve-se compreender que um príncipe novo, não pode praticar todas aquelas coisas pelas quais os homens são considerados bons, uma vez que, freqüentemente, é obrigado, para manter o Estado, a agir contra a fê, contra a caridade, contra a humanidade, contra a religião. Porém, é preciso que ele tenha um espírito disposto a voltar-se segundo os ventos da sorte e as variações dos fatos o determinem e, como acima se disse, não aparta-se do bem, podendo, mas saber entrar no mal, se necessário. Nicolau Maquiavel. **O Príncipe**. Rio de Janeiro, Betrand do Brasil S.A. , 1988, p. 103.

Cristo precisamente por aparatar-se dos homens e não pelo fato de morrer por eles.

Como para Vieira a **essência** não implica necessariamente a **existência**, o jesuíta considera a morte de Cristo como “**privação do ser**” enquanto que olha para a sua ausência como “**privação do estar**”, colocando-se com esta afirmação em um lugar bem diferente da sua interlocutora. Vieira deixa claro, no seu sermão, que Cristo sentiu mais a perda da companhia dos homens – o estar – do que a destruição da essência.

Se, conforme afirma Vieira, a morte de Cristo privou-o de “estar” com quem ama, e se é possível separar o “**estar**” de Cristo do “**ser**” de Cristo, Sórora Joana tem muitos motivos para discordar de Vieira. Por quê?

Porque para Sórora Joana tanto em sua poesia como na Carta Atenagórica a sua preocupação é sempre com a **essência**. Vamos aos textos para observar as dissonâncias.

Se tomarmos a discordância de Sórora Joana e Vieira no momento em que Cristo lava os pés de seus discípulos podemos ver que ela defende a idéia que causa e efeito são relativos e que para ela a causa tem o efeito engendrado em si próprio:

“ Pues si el motivo de lavar los pies y la ejecución de lavarlos se han como causa y efecto, y la causa y efecto son relativos, que aquí pueden separarse, ¿dónde está esta mayoría que el autor halla entre el lavar y la causa de lavar, si sólo su diferencia es ser generante la causa y el efecto engendrado? ”²⁶

Do ponto de vista político o que significa a diferença do pensamento de Vieira e Sórora Joana?

²⁶ Sórora Juana Inés de la Cruz. A Carta Atenagórica. México Editorial Porrúa, S.A. 1989. p.817.

O pensamento de Vieira separando o **ser** do **estar**, os **meios** dos **fins**, permite a justificação de uma série de condutas porque são meios e não fins, porque o **ser** pode manifestar-se diferentemente de acordo com as circunstâncias.

Para compreender melhor a nossa hipótese vale a pena relembrar **O Príncipe** que dentro de uma perspectiva maquiavélica, precisa **aparentar** ser justo e não obrigatoriamente **ser** justo para alcançar os **fins** que almeja. Vieira separa **meios** e **fins** embora em seus exemplos o fim e o meio sejam sempre equivalentes. O meio é o amor e o fim é também o amor.

Para Vieira “(...) *o Mandato compõe-se de dois amores, o amor de Christo para conosco, e o amor dos homens entre si: o amor com que Christo nos amou entra no Mandato como meio, e o amor com que nós nos devemos amar, como fim. Isso quer dizer em sentido de Ruperto, aquele in finem eos: que nos amou a fim: e a que fim? A fim de nós nos amarmos. Os homens amam a fim de que os amem; Cristo amou-nos a fim de que nós nos amemos : Et vos debitis alter alterius lavare pedes* (p. 391).

Contudo a existência dessa separação caracteriza o lugar da diferença entre Vieira e Sórora Joana. Para ela existe só um lugar e este é o espaço, singelo, mas possível, do “ser” das coisas e dos homens. É por isso que Sórora Joana considera Maquiavel um ímpio²⁷. As conseqüências das proposições de Vieira, na concepção de Sórora Joana, eram graves na medida em que abalavam a sua percepção essencialista de mundo. Já no caso de Vieira suas proposições, através da separação entre **meios** e **fins**, resultariam na priorização de um projeto político capaz de estabelecer

²⁷ Na resposta a Sor Filotea de la Cruz “Aquella ley politicamente bárbara de Atenas, por la cual salía desterrado de su república el que se señalaba em prendas y virtudes porque no tiranizase com ellas la liberdade pública, todavia dura, todavia se observa em nuestros tiempos, aunque no hay ya aquel motivo de los atenienses; pero hay outro, no menos eficaz aunque no tan bien fundado pues parece máxima Del **ímpio Maquiavelo** (grifo nosso): que es aborrecer al que se señala porque desluce a otros.” pp.854-855

como meta o viver em sociedade (correspondência)²⁸ cujo exercício remeteria à maior fineza de Cristo.

Embora ambos os autores utilizem os mesmos instrumentos retóricos para discutir um texto sagrado e opiniões de doutores da Igreja as discordâncias entre eles expressam visões de mundo bem diferentes cujas conseqüências serão significativas numa sociedade, como a mexicana, que estava sendo montada e onde a estratificação social e o poder faziam parte do exercício de dominação.

O que significa essa diferença? Por que Vieira inverte gênero e espécie no seu sermão? Por que separa causa e efeito? Por que Sórora Joana afirma que Cristo quis a **correspondência** do amor para si e a utilidade que resulta dessa correspondência para os homens enquanto Vieira diz que Cristo a quis para os homens, “*tudo quis que fosse nosso*”?²⁹ Por que Sórora Joana aproxima Cristo dos homens?

Os elos entre as palavras e os seus significados

A dissonância com relação a qual foi a maior fineza do amor de Cristo não são apenas sutilezas retóricas ou filosóficas. Parece-nos que manifestam dois modos de entender a América e o processo da sua cristianização; expressam dois caminhos pelos quais não apenas podemos

²⁸ Diz Vieira: “O amor e **correspondência** são dois atos recíprocos, que sempre olham um para o outro, d’onde se segue, que sendo o seu amor nosso, a nossa **correspondência** havia de ser sua; mas o Amante divino trocou esta ordem natural de tal maneira, que o amor e a **correspondência**, tudo quis que fosse nosso: nós os amados, e nós os **correspondidos**: nos os amados, porque ele foi o que nos amou, e nós **correspondidos**, porque nós somos os que nos havemos e devemos amar: *Et vos debetis*. (p.388)

²⁹ Diz Sórora Joana: “Es el amor de Cristo muy al revés del de los hombres. Los hombres quieren la **correspondencia** porque es bien propio suyo; Cristo quiere esa misma **correspondencia** para bien ajeno, que es el de los propios hombres. A mi parecer el autor anduvo muy cerca de este punto; pero equivocólo y dijo lo contrario; porque, viendo a Cristo desinteresado, se persuadió a que no quería ser correspondido. Y es que no dio el autor distinción entre **correspondencia** y utilidad de la **correspondencia**. Y esto último es lo que Cristo renunció, no la **correspondencia**. Y así, la proposición del autor es que Cristo no quiso la **correspondencia** para sí sino para lo hombres. La mía es que Cristo quiso la **correspondencia** para sí, pero la utilidad que resulta de esa **correspondencia** la quiso para los hombres.

Acá el amante hace la **correspondencia** medio para su bien; Cristo hace la **correspondencia** medio para bien de los hombres. De manera que divide la **correspondencia** y el fin de la **correspondencia**. La **correspondencia** reserva para sí. El fin de ella, que es la utilidad que de ella resulta, se lo deja a los hombres.” (p. 822). Grifos nossos.

compreender o texto sagrado como, através dele, elaborar uma proposta para favorecer o movimento de uma dada sociedade para que se cumpram determinadas profecias.

Para Vieira, como para muitos outros jesuítas, o caminho para a cristianização passava primeiro pelo caminho da inserção na pólis. Era preciso ser **político** para, depois, ser **cristão**. Para Sórora Joana, como apontava também Octavio Paz, não cabia falar-se nessa distinção. O ser cristão já implicava o ser político. Por isso, o **procedimento** com que se levaria a cabo a catequese era importante. A Carta Atenagórica era uma tentativa de dar argumentos para mostrar que, na catequese dos indígenas, não havia necessidade de criar separações lógicas, nem distinções conceituais. Sórora Joana sabia que esse debate estava aberto no próprio seio da companhia de Jesus, e se colocava claramente no pólo oposto onde se encontrava Vieira.

Aceitar a tese de Sórora Joana significaria que a prioridade da catequese deveria centrar-se no “ser” – ser bom cristão ou bom político –, enquanto que aceitando a tese de Vieira, não se trataria de discutir como “eram” os índios, mas se eles se comportavam de acordo com as prescrições legais, civis ou religiosas.

Para Sórora Joana, ao se conseguir que os indígenas “fossem” bons cristãos, conseguir-se-ia que eles mesmos, por seu livre arbítrio, agindo como bons cristãos, inserir-se-iam na pólis. Ser bom cristão corresponderia, de fato, ao **ser** dos indígenas e levaria necessariamente a viver “em pólis”. Isto poderia ser assim porque a unidade da essência, o fato de “ser” bons homens, lhes permitiria encontrar as soluções justas para agir corretamente. Dessa forma, Sórora Joana inseria-se no campo doutrinal e

filosófico clássico, onde o “agir” segue necessariamente o “ser” e onde a “política” não é algo dissociado da moral³⁰, mas integrado com ela.

Para Vieira, havendo uma separação possível entre “ser” e “estar”, “política” e “moral”, meios e fins era necessário induzir os comportamentos dos indígenas, explicitar as leis e, conseqüentemente, determinar que tipo de ação – que “aparência” – era a conveniente para viver como um bom cristão. Daí a necessidade que Vieira sentia de mostrar todas as distinções possíveis entre essência e aparência, meios e fins. E daí o interesse do jesuíta de mostrar que o próprio Cristo atendia para essa classe de distinções, onde não bastava apenas “ser” de uma determinada forma, mas era preciso também “aparecer” dessa forma determinada.

Conclusão

O que há de novo nesta antiga polêmica? Que é, ao nosso entender, o que ainda não foi dito ao longo dos muitos estudos realizados com a carta atenagórica?

Sóror Joana percebeu que o mundo conceitual americano não é o lugar da separação, mas da unidade. Ou seja, para o indígena não há aparência, nem há representação, nem, portanto, há uma separação possível entre “moral” e “política”.

A insistência de alguns jesuítas em catequizar conforme essa separação só poderia ser prejudicial para os indígenas e para a sociedade que estava sendo construída. A distância entre “ser” e “aparecer” sempre seria uma distância insalvável ou, por outras palavras, catequizando ao estilo de Vieira o máximo que se conseguiria seria uma aparência de conversão, uma adaptação formal aos termos do que estava prescrito, um comportamento induzido que não chegaria ao ser do indígena, enquanto que catequizando ao estilo da Sóror Joana, chegar-se-ia ao coração dos

³⁰ Não se pode esquecer que os conceitos de justo e injusto e os princípios do reto uso da Política foram tratados por Aristóteles na sua “Ética a Nicômaco”.

indígenas, amoldar-se-ia o ser dos mesmos ao ser cristão que, necessariamente era uma forma de ser onde o agir político não estava dissociado do agir moral. Infelizmente essa diferença de estilos teve como resultado a morte de Sórora Joana Inês de la Cruz. Já, Vieira sobreviveu sabiamente à inquisição e morreu de velhice. Embora tenham seguido caminhos diferentes os dois com maior ou menor rapidez viraram pó, diria Vieira, pó de terra. Já os dois textos, as duas idéias, ao contrário, reviveram ou como forma ou como proposição.